

Estados Gerais da Psicanálise: Segundo Encontro Mundial, Rio de Janeiro 2003

TEMA: AS SUBJETIVIDADES CONTEMPORÂNEAS

SUB –TEMA: A VIOLÊNCIA E A DESTRUTIVIDADE NOS TEMPOS DE HOJE

A VIOLÊNCIA NA TEORIA PSICANALÍTICA: LAÇO SOCIAL OU RUPTURA?

MARIA ANGÉLIA TEIXEIRA

TANIA COELHO DOS SANTOS

RESUMO:

Pretendemos neste trabalho analisar certos determinantes subjetivos da violência na atualidade recorrendo à teoria e a clínica psicanalítica. Visamos inicialmente refletir sobre a concepção de estrutura de discurso da neurose e do sintoma para então analisar se a violência tal qual se apresenta hoje faz um novo laço social ou significa sua ruptura, na expectativa de esclarecer um pouco mais sobre as patologias do sujeito e do Outro no mundo contemporâneo onde reina um único discurso.

PALVRAS CHAVES: Violência, discursos, laços sociais.

“... l’effet qui se propage n’est pas de communication de la parole, mais de déplacement du discours.”

J. Lacan

Nosso trabalho será o de analisar o que é a violência na teoria psicanalítica depois do último ensino de Jacques Lacan. Esse último ensino sucede a formulação de que o sintoma, e o laço social equivalem a quatro discursos que se articulam numa ordem precisa porque o real é impossível. Nossa proposta nesse artigo é demonstrar que o discurso do capitalista rompe essa lógica articulada em que se sucedem o discurso do mestre, da histérica, da universidade e do analista. O ponto de ruptura se apresenta como o real sem lei, logo, ele não é mais impossível, porque todos os gozos são co-possíveis. Enquanto que o eixo dos quatro discursos tem a primazia do discurso do mestre, imperativo de renúncia que reduz o gozo a migalhas e o condena a só

existir sob as espécies do objeto a, no discurso do capitalismo, tudo é permitido, não há mais impossível, em lugar nenhum. É proibido, proibir. De fato, Deus está morto, e quando Deus está morto, Lacan já antevia, nada é permitido. A violência então é uma manifestação dessa estrutura. Quando tudo é permitido, nada é permitido, a ética do desejo dá lugar ao fardo pesado do imperativo do gozo. É o curto-circuito da fantasia, é a lógica do resultado imediato, direto, é o declínio da diferença e a proliferação dos gozos autistas regidos pela lógica da exceção onde cada gozo é autônomo, é um por um. Explicamos assim os efeitos de devastação que se apresentam no campo do Sujeito e do Outro na contemporaneidade. Os sintomas contemporâneos são inclassificáveis, e isto está de acordo com a forclusão generalizada do Nome-do-pai. A lógica articulada dos quatro discursos supõe que o Nome-do-pai desempenhe na fantasia a função de agente da castração. Ele transfere a potência simbólica do significante, para o imaginário. Permite transmutar o real do gozo impossível para as vias imaginárias de um real do gozo proibido. A violência dá provas de uma falência da função do imaginário da proibição. Pensamos que a generalização de sua eclosão no campo social nos aponta os efeitos devastadores do discurso do capitalismo; Hoje, o gozo não é mais impossível, pois a via da fantasia não garante mais que o gozo se limite à transgressão da lei. *O gozo emerge sob a forma de um real sem lei, e não contra a lei, na contemporaneidade.* Ele não se opõe a essa ou aquela restrição legal. Ele se apresenta desencadeado pelas vias simbólicas, como puro sem sentido. Poderíamos avançar na direção de pensar suas relações com o capricho, e com a diversidade de modalidades do gozo feminino de fazer suplência à desproporção entre o simbólico e o real. Nesse caso, a violência

não seria um sintoma e seu lugar seria ao lado da psicose, do gozo místico, do capricho e da exceção.

Partimos da teoria dos discursos porque julgamos imprescindível incluir duas dimensões essenciais para analisar os problemas aqui formulados: a de laços sociais na construção da subjetividade e a dos discursos como ordenadores da realidade. Nosso ponto de orientação nesta pesquisa é portanto a definição do “inconsciente como ex-sistente aos discursos”, o inconsciente então é real. Entendendo-a como uma atualização de duas outras, de igual importância e que lhe antecedem, que são “o inconsciente é estruturado como uma linguagem” e “o inconsciente é o discurso do outro” formuladas por J. Lacan.

Se adotarmos a estrutura de ex-sistência do inconsciente aos discursos seremos obrigados a aceitar algumas das suas conseqüências. Começamos retificando: o inconsciente nem está representado exclusivamente, nem está aprisionado por nenhum discurso. Inversamente, é a posição de extimidade do inconsciente aos discursos que confere legitimidade à passagem de um discurso a outro, como evidenciou o advento do discurso do psicanalista. Isso implica em ter que pensar seus efeitos para além da lógica fálica e edipiana que organiza os quatro discursos. Estes não fogem à ordenação que gira em torno da oposição entre ao menos um, fora da castração, e então todos, submetidos à castração. Pensar o inconsciente fora dos discursos é abrir-se para as formulações de Lacan no Seminário XX, um tempo em que pensamos que se tratava para ele de acolher os efeitos do discurso do capitalismo. Neste seminário, ele nos apresenta outra lógica que permite pensar um gozo na vizinhança do gozo fálico, o gozo feminino e uma lógica para além da lógica do

ao menos um/todos, a lógica do não-todo. Essa outra lógica, pela primeira vez apresentada nesse seminário nos permite pensar a singularidade do sujeito, um por um, formando a partir dessa condição um conjunto inconsistente, aberto e que justamente, ao contrário daquele que é formado pela lógica do ao menos Um/todos, não há aí uma classe. Neste conjunto não há uma exceção do lado de fora (por isso dizemos que o real não é impossível) pois cada elemento do conjunto inconsistente é único e por isso mesmo não há exceção pois não há regras para todos.

Aceitar a existência dessa outra lógica implica na anulação do pensamento que concebe o inconsciente como uma operação interna, solitária, individualista e intimista que encontra perfeito abrigo na clínica psicanalítica para seus segredos e obscuros desejos. Significa reconhecer que só há sujeito na dimensão do desejo e do inconsciente cuja constituição significativa depende da presença do lugar do outro, inclusive como outro gozo, e que se trata aqui de particularizar o modo de gozar próprio à contemporaneidade, pós-moderna, por vezes, relativista e até cínica, onde aparentemente a função paterna e o discurso universal declinam em favor de um avanço da exceção e da singularidade.

A história constrói, desconstrói, adormece, altera enfim os discursos, ou seja, as subjetividades. Não há como negar que inconsciente e discursos caminham e mudam conjuntamente e que suas conseqüências bem se revelam nos efeitos de discurso. Sabe-se dos efeitos gerados pela aproximação do discurso da ciência ao discurso da universidade durante certo período. Viu-se ao longo da modernidade o discurso do mestre passar por várias mudanças, dando, por último, lugar ao discurso do capitalista, considerado o mestre

moderno. A configuração epidêmica das manifestações de violências tornou-se um fator cada vez mais presente e devastador no cotidiano das pessoas de um modo geral, independente da classe sócio-econômica, idade, cor, credo ou, até mesmo país, constituindo-se em um fenômeno absolutamente atual com características próprias não encontradas em outras épocas da história da cultura, especialmente pelo aparecimento dos *implementos* que precisa e que são largamente oferecidos pela tecnologia capitalista, segundo análise de Arendt, o que leva-nos a pensar na sua profunda vinculação com os laços sociais contemporâneos estabelecidos pelo capitalismo.

Sabemos um pouco mais sobre seus efeitos devastadores no âmbito social ou de domínio público e muito pouco sobre seus efeitos no domínio privado, ou seja, do individual que se conta um por um, ali onde supostamente se aloja unicamente o trabalho clínico do psicanalista.

TOMEMOS COMO EXEMPLAR A VINHETA QUE SE SEGUE

Queremos refletir sobre a validade de se utilizar o que dizem os analisantes que sofreram atos de violência para entendê-la do ponto de vista dos seus efeitos clínicos. Para tanto, identificamos e apresentamos alguns deles: o aparecimento de certos medos relativos aos funcionamentos do cotidiano que poderíamos chamar de uma espécie de *fobia social*; a instalação do estado de *apatia* durante certo período; a experiência da violência servindo como *fator desencadeante* para algumas doenças graves, a exemplo da instalação do quadro de melancolia; a manifestação do sentimento de intensa raiva, chegando à *fúria*, às vezes seguida de *passagens ao ato* que levam a

atitudes radicais de mudanças em aspectos relevantes da vida pessoal, como por exemplo, mudança abrupta de profissão, e por último a colocação em ato de *fantasias sexuais*.

Evoco um fragmento de caso clínico para mostrar como um ato de violência pode servir de fator desencadeante para o adoecimento. Trata-se de um homem, profissional liberal, casado com filhos, que após brutal experiência de assassinato de familiares próximos passa a caçar homossexuais nas ruas negando-se a pagar pelos serviços sexuais recebidos. Este ato transforma-se numa compulsão que o expõe em muitas oportunidades a ser espancado ou mesmo assassinado, colocando-o na iminência de repetir a cena do crime, à qual, poderíamos dizer, está petrificado. A violência brutal que surge do real tem por vezes o efeito prolongado de quebra da mediação simbólica, como aconteceu neste caso, acrescido da fixação deste gozo mortífero, da ordem do horror do crime, do assassinato. O estado de adoecimento que se instaura para este homem, que ademais faz várias tentativas de suicídio, vem mostrar que o aparecimento de um sintoma inclassificável, no mínimo nos leva a interrogar sobre o que vem a ser o imperativo do gozo não-todo frente ao fracasso do gozo fálico, regendo a estrutura.

Os quatro discursos, o do psicanalista, o da universidade, o do senhor, o da histérica são impotentes para pensar essa configuração subjetiva. Penso que só podemos esclarecê-la a partir do discurso do capitalista pois aciona um novo imperativo, o imperativo do gozo não-todo. Este último discurso fere alguns dos princípios essenciais que regulam cada discurso, bem como a relação deles, ao abolir o campo da impossibilidade, ou seja da castração,

dando lugar a certa impotência. E o que se passa finalmente é que seus regimes tornam *possíveis todos os gozos*.

A concepção de estrutura de discurso como *laço social* supõe a necessidade de introduzir a dimensão do Outro, da alteridade no sentido lacaniano, na construção da subjetividade, pois neste campo não há laço sem o outro em sua tripartição imaginária, simbólica e real. Relança forte reflexão sobre a ordenação do aparelho psíquico no que diz respeito à distinção existente entre a constituição do eu e a do sujeito do inconsciente, das representações do outro, e da abordagem da realidade garantida pelo matema da fantasia como realidade psíquica, tal qual propôs Freud, abrindo por esta via necessário debate sobre a concepção atual do inconsciente e da pulsão. Ressalta ainda a necessária relação dos discursos entre si na constituição da subjetividade, de acordo com a lógica do ao menos um/todos, quando situa o real como o gozo impossível, propriedade do pai morto e incompatível com a existência do vivo. Cabe, portanto, analisar teoricamente a constituição subjetiva da violência como efeito de discurso, tomando como parâmetro o rompimento do laço em permutação circular dos discursos, pelo discurso do capitalista, entendido este como aquele que interfere no funcionamento dos demais discursos na atualidade. Não seria a violência um fenômeno contemporâneo produzido pelo capitalismo? Seria esta uma manifestação do enfraquecimento dos laços simbólicos onde as prevalências das imagens, dos funcionamentos imaginários favorecidos pela tecnologia são cada vez mais evidentes? Estaria a violência, a devastação maior, situada do lado do sujeito ou do Outro? Seria possível identificar os níveis de participação de cada um

dos discurso, especialmente do capitalista fortalecido pela tecnologia e pelo discurso da ciência nestes fenômenos?

As mudanças têm sido radicais. Havia no mundo antigo as modalidades tradicionais de organização familiar que investiam o pai, legalmente, de plenos poderes sobre as mulheres e as crianças, reprimindo as manifestações da sexualidade, dos conflitos e das diferenças de modo geral. Assistimos na modernidade a queda do saber e do poder incontestáveis do pai reveladas pelo declínio da função paterna, exacerbada pelo domínio mundial do *capitalismo* nas últimas décadas. Vivemos igualmente as conseqüências da passagem do mundo da tradição para o mundo da *ciência*. No mundo antigo, a religião agregava em torno do nome de Deus, os mais diferentes domínios da experiência humana. O advento da ciência faz um corte com o mundo da tradição produzindo mudanças sobre a subjetividade. Torna a crença artigo de escolha individual, um problema de consciência individual, onde cada um crê ou não de acordo com sua consciência, diferente do mundo antigo quando o humano era obrigado a ser regido pela crença religiosa. Viver fora disso significava recusar o mundo em que vivia e se tornar um herege.¹ Deus passou a ser assunto de consciência individual e a isso Lacan chamou *declínio do nome do pai* em 1938².

Os sintomas contemporâneos são conseqüências desta nova lógica que se espalha radicalizando o declínio da função paterna. Em lugar da *lógica fálica* universalizante passa a funcionar a *lógica do não toda*, própria a uma cultura que se feminilizou no rastro da liberação da sexualidade e do

¹ COELHO DOS SANTOS, T. “*Quem precisa de análise hoje*”, Ed. Bertrand Brasil, 2001 pags. 182,183, 302, 303-3011

² LACAN, J (1938). Les complexes familiaux dans la formation de l'individu in *Autres Écrits*, Ed. Du Seuil, 2001

feminismo³ na qual todo o funcionamento se garante do funcionamento do um por um. A psicanálise como filha da ciência nasceu em um mundo moderno já descrente e, como ensinou Lacan, Freud tenta com o Édipo, com a crença no pai, dar certa consistência à função do pai. Se concordarmos com Lacan que psicanálise freudiana foi uma tentativa de fazer suplência ao declínio da função paterna, não podemos deixar de nos interrogar o que ela deve fazer num mundo dominado pelo uso da lógica do não-todo a serviço da denegação da função do falo, da função paterna das relações edipianas. Um mundo onde a diferença sexual parece condenada à obsolescência, à não essencialidade e em que o imperativo do gozo não-todo progride em oposição a qualquer dimensão da castração definida como campo da impossibilidade.

A psicanálise surgiu no mundo como o discurso que progrediu no avesso ao discurso do mestre, onde reinava o ideal absoluto para todos. Que relações ela pode ter com o mestre contemporâneo, o discurso do capitalista, que provoca a deriva dos sujeitos na caça ao mais de gozar. Como a psicanálise tem se constituído em uma alternativa àquele discurso?

O MESTRE CONTEMPORÂNEO: O DISCURSO DO CAPITALISTA

Há uma mudança na teoria dos quatro discursos com a inclusão de um quinto discurso que é o do capitalista. É evidente que mais além do aspecto econômico, político e social o advento deste discurso produziu novas subjetividades e patologias e interrogamos como a violência aí se inscreve. Consideramos de grande importância Lacan eleger os discursos para evidenciar

³ COELHO DOS SANTOS, op. cit. 2001, caps I, II e III

o impacto na subjetividade dos elementos próprios ao capitalismo, tais como, a *produção*, a *mais valia* e o *fetice*, sintoma Marxista.

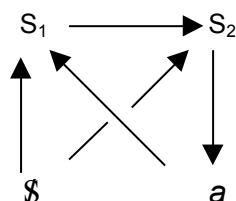
Para falar do mestre contemporâneo que é o capitalista, Lacan recorreu ao conceito de mais-valia de Marx, dele extraindo o conceito de mais-de-gozar, sintetizado por Gonçalves no seu livro sugestivamente intitulado: *O discurso do capitalista: uma montagem em curto-circuito*: “Com o conceito de mais-valia, Marx destacou algo que já estava no jogo capitalista. [...] Lacan partiu da lógica capitalista delineada na escrita de Marx para, também a partir daí, derivar o conceito de mais-de-gozar. Na teoria marxista, o valor está vinculado ao trabalho. A mais-valia refere-se a trabalho não pago. Foi pela escrita de Marx que algo, que estava fora do discurso, inscreveu-se. Inscrito, pôde ser, então, tratado. O discurso do capitalista corresponde a um deslocamento a partir do discurso do mestre. O gozo produzido neste discurso ganha uma feição contábil quando passa a valor relativo a um mercado. Em se tratando de seres falantes e discursos, já havia função mais-de-gozar antes da instalação do discurso capitalista. No capitalismo, entretanto, o *plus-de-gozo*, produzido e condensado por meio do objeto *a*, ganhou o caráter de um *plus* de valor produzido e condensado em *mercadorias*. Lá onde estava o mais-de-gozar, adveio a mercadoria”.⁴

O que dizer do mestre contemporâneo? A passagem do discurso do mestre antigo para o discurso do mestre moderno, desloca-se do discurso do mestre para o discurso da universidade, que se sustenta da burocracia, até chegar a sua forma final que é o capitalismo. Trata-se, essencialmente, de registrar os modos com os quais o saber se desloca em relação aos lugares. O

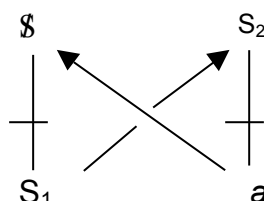
⁴ GONÇALVES, L.H.P. *O discurso do capitalista*, p.54.

discurso do mestre na atualidade é o discurso do capitalismo. Foi pela primeira vez escrito por Lacan na conferência de Milão, em 1975. Ele não se constitui a partir de um quarto de giro das letras como os outros discursos, mas se deduz por uma *torção* do discurso do mestre.

DISCURSO DO MESTRE



DISCURSO DO CAPITALISTA



No discurso do capitalista temos como ponto de partida a inversão da posição de $\$$ e de S_1 . S_1 passa a ocupar o lugar da verdade e não mais o do agente como no discurso do mestre, e $\$$ vai ocupar o lugar de comando, como no discurso histórico. Esta mudança é consequência da supressão das flechas oblíquas, ou das duas arestas do tetraedro, por uma manobra obtida mediante torção. Encontra-se aí uma situação diferente dos outros discursos, nos quais nenhum termo é isolado e "cada um alimenta o outro numa reação em cadeia cuja tendência é o arrebatamento".⁵

Verifica-se claramente que o lugar da verdade não está mais protegido e que os quatro vértices se alimentam uns aos outros suprimindo a hiância e a disjunção que há entre o lugar da produção e da verdade. O que quer o capitalista é apagar este efeito de impossibilidade ou, em outras palavras, qualquer evocação da fantasia, para manter o sujeito insatisfeito de modo bem particular.

⁵ DARMON, M. *Ensaio sobre a topologia lacaniana*, p. 223.

Se para o mestre antigo interessava, sobretudo, que as coisas funcionassem, para "o capitalista interessa sustentar a insaciedade como um modo de insatisfação do sujeito".⁶ Esta insaciedade deve garantir um mercado para o qual não há falta, nem falta objeto, e onde tudo é possível. A dimensão lógica *do não há relação*, modo como se escreve a impossibilidade, está foracluída. O objeto neste caso é produzido em escala veloz para ser imperativamente consumido, suprimindo a desproporção entre o que se busca e o que se alcança. A demanda perde valor para a oferta embrutecida. Gadget é o nome do seu produto. Ademais, "este novo mestre aprendeu a gozar do objeto que o outro produz para ele e isso não é sem conseqüências".⁷

O discurso do capitalista por um lado promove o sujeito à posição de mestre, ou seja, o comando é exercido por um sujeito e não pela tradição impessoal, ao mesmo tempo o apaga ao diluir as expressões individuais de comando na estrutura do próprio discurso. Dessa forma o ideal do sujeito autônomo, senhor do seu destino, que está na base não somente da economia liberal, mas da própria sociedade leiga moderna, sofre um violento abalo. Como pensar que esse sujeito é quem comanda com o seu desejo, se esse mesmo desejo é causado por um objeto do qual ele não tem controle? Assim, embora o lugar de comando seja ocupado pelo sujeito, que se exhibe na expressão das suas escolhas e da sua liberdade, o verdadeiro comando é exercido pelo objeto de consumo, que sustenta de fato o discurso. Nesse regime é preciso que o consumo seja maníaco e "o gozo uma vez que o temos é para gasta-lo, desperdiça-lo", como diz Lacan no *Averso da Psicanálise*.

⁶ GONÇALVES, L.H.P. *O discurso do capitalista*, p.74.

⁷ RIO TEIXEIRA, M. do. *O espectador inocente*, p.75.

A PARTICIPAÇÃO DO PSICANALISTA NA CONSTRUÇÃO DA ATUALIDADE

Cabe-nos perguntar o que pode o discurso do psicanalista na abordagem do mal-estar da violência na civilização contemporânea? Ou, que contribuições pode o discurso do psicanalista oferecer na abordagem dos atos de violência.

De acordo com o postulado que toda realidade humana é realidade de discurso e que o real ex-siste ao discurso, é preciso compreender a violência na dimensão da ruptura real com a neurose estruturada como discurso que faz laço social. As possibilidades de intervenção sobre a violência, bem como sobre o discurso que produz a violência, requer do psicanalista um manejo novo da interpretação.

Do sucesso dessa nova ferramenta depende a potência da psicanálise frente aos sintomas atuais. É preciso revisitar a dimensão da fala instituída pela psicanálise, interrogando se esta continua sendo um novo regime de fala que tem efeitos sobre o real presente no mal estar da civilização, especialmente nas manifestações clínicas chamadas sintomas contemporâneos e inclassificáveis. Se ela ainda é capaz de promover um novo regime de relação com o corpo, e uma nova relação com o gozo da vida?

Segundo Coelho dos Santos, as palavras na análise não perderam seu vigor, pois a palavra do psicanalista situa-se no nível do que não é nem falso nem verdadeiro, mas enunciação, que se subtrai do modo comum de dizer. O gesto do analista que convida o analisante a dizer tudo abre a ele a

experiência de uma palavra cujo dizer vai além do dito. O resíduo dessa experiência, a conseqüência de uma análise é o poder de reencantamento do mundo pela palavra. A palavra em análise se dissocia da exigência de utilidade direta. Não porque ela não seja útil, mas porque não serve para adaptar o sujeito à moralidade vigente nem aos ideais de consumo do capitalismo nem aos valores que aí estão. Ela é útil para recriar no ser falante o gozo de viver que não aspira o progresso, porém o avanço que se faz sob a determinação da repetição para Freud e do real para Lacan e que admite o retorno do Um, do dito primeiro que funda a série. Dizer que a estrutura da experiência psicanalítica *não é sem*, é valorizar a repetição como dimensão real do sintoma. Essa dimensão se opõe em princípio ao avanço do significante separado do gozo do falante, como está posto pelo avanço do significante puro da ciência no capitalismo.

Numa cultura capitalista individualizante, onde os laços sociais estão empobrecidos e esvaziados, encontra-se em contrapartida, a proposta psicanalítica que continua apostando na recuperação do laço do ser falante com a palavra em sua dimensão discursiva. Resta-nos perguntar que efeitos a psicanálise produz nos laços sociais. E como participa da construção da sua época? Ou não seriam os analistas agentes de mudanças no campo social, nem produtores de linguagem? Mas então o que é esta prática na qual sua atuação substitui os enunciados de verdade pela prática do questionamento do desejo inconsciente do sujeito e do seu gozo perante os quais se está responsabilizado? Que não recua diante do vazio do seu ser nem diante do inapagável e estrutural conflito inconsciente? Que interroga o modo como os homens se organizam e simbolizam suas contradições hoje?

Nesta clínica o lugar do dizer reabilita o real como impossível, ex-sistente. Reabilita a ex-sistência do dizer em relação ao dito, que tem relação com a estrutura de linguagem que nos determina. Confronta o discurso do capitalista ao resgatar o direito à insatisfação, como não se reduzindo a insaciedade. É o analista que pode dizer ao mercado que o objeto da satisfação não há. Que não se trata de que temos muito ou pouco, pois não há nem haverá no mercado jamais o objeto que poderia nos satisfazer. Queremos analisar a violência à luz deste esforço de resgate da dignidade da insatisfação. Nós não reclamamos que o mercado produza mais para nos contentar, mas sustentamos que ele não pode dar aquilo que demandamos. “Há uma política a deduzir do ato analítico, que é a noção política do gozo que requer que o ato mesmo de tomar a palavra se faça ação porque falar é gozar. Trata-se de tomar a palavra para reinventar o mundo mais além de exercer as liberdades democráticas que nada mais fazem que homogeneizar e homeostasiar porque é da responsabilidade da psicanálise nos confrontar ao horror do vazio da causa”.⁸

Entretanto o que se apresenta na violência é o horror despido de qualquer revestimento simbólico, é o fascínio pelo objeto que preencheria toda a necessidade. Há uma dimensão na atualidade que diz respeito ao caráter público, midiático, televisivo, globalizado da violência cotidianamente mostrado, como fatos que fazem parte dos noticiários diários, nacionais e internacionais, que se conclui pela banalização da violência e pela redução da dimensão subjetiva do humano à imagem. Enfim, a violência virou *espetáculo* televisivo,

⁸ COELHO DOS SANTOS, T. Um esforço de poesia se quereis reencantar o mundo in: Laboratório Virtual de Ensino, Programa para ler Lacan com Miller, www.nucleosephora.com

cinematográfico e jornalístico cujas imagens globalizadas imprime simultaneamente o efeito de *horror e fascínio*.

Pode-se observar que as relações sociais têm sido largamente regidas pelo imaginário e suas formações, e que constituem uma certa cultura do narcisismo e do individualismo propiciadores da violência. Nossa linha de pesquisa não vai buscar sua orientação nas teorias que explicam a violência como um fenômeno inerente ao psiquismo e a patologia do ser humano, nem vai utilizar as afirmações sociológicas que discutem se o homem nasce bom ou ruim. Adotaremos teorias que nos permitam elucidar a dimensão sócio cultural da violência, que nos permitam pensar incluindo os discursos de modo geral e os dados atuais do capitalismo, das ciências e da tecnologia, pois, como lembra Hannah Arendt citando Engels: ... “a violência precisa dos seus instrumentos”.⁹

Queremos insistir na pergunta sobre as condições necessárias para que um ser falante possa responder pelo seu desejo e seu gozo e para que possa ter implicações válidas frente às exigências da vida na atualidade. Nosso interesse é conhecer a violência que prolifera epidêmica no cotidiano de cada um em muitos lugares do mundo indistintamente. Dada sua extensão, sabe-se mal como ela afeta hoje os laços sociais e como no sentido oposto é por eles engendrada. Ela não é apenas um sintoma, isto é, uma modalidade de laço social mas uma das muitas modalidades de devastação desses laços, um ponto de ruptura, isto é, uma incidência do gozo fora do discurso. É preciso reinscrevê-la, pelo gesto interpretativo do analista, nas vias do campo da fala e da linguagem, recuperando o direito de cada um à insatisfação e ao mal-estar

⁹ ARENDT, H. *Sobre a violência*, p.13.

que alimentam o laço social e evitar, na medida do possível, as vias que levam à ruptura. Esse deve ser o compromisso do analista na atualidade.

BIBLIOGRAFIA:

ARENT, A. *Sobre a violência*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

BIRMAN, J. *Mal-estar na atualidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

COELHO DOS SANTOS, T. *Quem precisa de análise hoje?*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

COSTA, J.F. *Violência e psicanálise*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DARMON, M. *Ensaio sobre a topologia lacaniana*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FREUD, S. (1901). *A psicopatologia da vida cotidiana*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 6).

_____. (1930). *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 21).

_____. (1933). *Por que a guerra?*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 22).

GONÇALVES, L. H. P. *O discurso do capitalista: uma montagem em curto-circuito*. São Paulo: Via Lettera, 2000.

KEHL, M.R. *A ética e a Psicanálise*. São Paulo: Companhia Das Letras, 2002.

KRUTZEN, H. *Jacques Lacan: seminaire 1952-1980, index référentiel*. Paris: Antrophos, 2000.

LACAN, J. *O seminário — livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

_____. Radiophonie. *Scilicet*, Paris, n. 2/3, p. 55-98, 1970.

_____. *Le savoir du psychanalyste*: entretiens de Sainte-Anne. Inédito.

_____. Du discours psychanalytique. *Bulletin de l'Association Freudienne*, Paris, n.10, p.33-55, dec 1984.

_____. *O seminário — livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982.

_____. L'Étourdit. *Scilicet*, Paris, n.4, p. 5-52, 1973.

_____. Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos Escritos. *Falo*, n.2. p. 7-12 Salvador: Fator, 1988.

_____. *Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

_____. Autocomentario. *Uno por Uno*, Barcelona, v. 43, p.9-20, 1996.

_____. Conférences et entretiens dans des universités nord-américaines. *Scilicet*, Paris, n. 6/7, p.7-63, 1976.

_____. *Conferencia en Ginebra sobre el síntoma*: intervenciones y textos 2. Buenos Aires: Manantial, 1988.

_____. Le seminaire — livre 24: l'insu-que-sait de l'une-bévue s'aile à mourre. Inédito

_____. *Le seminaire — livre 25: le moment de conclure*. Inédito.

_____. A agressividade em psicanálise. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p.104-126.

_____. Introdução teórica às funções da psicanálise em criminologia. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p.126-151

SOLER, C. *Artigos clínicos*. Salvador: Fator, 1991.

_____. L'angoisse du prolétaire généralisé. Extraits du cours de janvier 2001. *Link*, Paris, mars 2001.

_____. Le discours capitaliste. *Trèfle: revue de psychanalyse*, Paris, nouvelle série, n. 2, p. 163-175, jan 2001.

_____. *A psicanálise na civilização*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1998.

TEIXEIRA, M. Ressonâncias e consonâncias do sintoma. *Revista do Programa de Psicanálise na UFBA*, Salvador, n. 1, p. 122, nov 1998.

VEGH, I. (Org) *Los discursos y la cura*. Buenos Aires: ACME - Agalma, 1999.

-
1. TÂNIA COELHO DOS SANTOS, PSICANALISTA, PROFESSORA ADJUNTA DA PÓS - GRADUAÇÃO EM TEORIA PSICANALÍTICA DA IP/UFRJ, DOUTOR EM PSICOLOGIA CLÍNICA.
 2. MARIA ANGÉLIA TEIXEIRA, PSICANALISTA, PROFESSORA DA UFBA, MESTRE EM TEORIA PSICANALÍTICA IP/UFRJ, MEMBRO DA ESCOLA DE PSICANÁLISE DO CAMPO LACANIANO